

Os impactos da morte na coletividade. A batalha do Tamanduá 1895: uma luta familiar

Arilson Ferraz Alves Flôres
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: 2023m0040@uesb.edu.br

Ana Palmira B.S. Casimiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: anapalmira32@gmail.com

1168

Palavras-chave: Morte. Luto. Família. Extermínio. Vingança

INTRODUÇÃO

O tema da morte é discutido desde a Antiguidade, quando muitos filósofos, historiadores, biólogos, antropólogos, psicólogos e religiosos, colocaram esse assunto em destaque no decorrer da história. A visão que o homem tinha da morte foi se alterando, de acordo seu contexto histórico, cultural e social (COMBINATO, 2005). É imperioso notar que o homem é o único ser vivo a ter uma consciência de morte como algo intimamente doloroso e, por conta disso, ele busca formas de contornar, ou de fugir, ou de dar um sentido para a morte. Através das obras de arte, da literatura, doutrinas filosóficas, religiões e abordagens científicas, a morte é pensada, discutida e, muitas vezes, rechaçada (OLIVEIRA, 2008).

A ritualização mítica da morte teria a função de superar o sofrimento pelos caminhos da finitude. A sepultura, nos tempos imemoriais, declarava a nossa humanidade diante dos animais e, nessa ação funerária, as emoções e posturas dos seres enlutados se socializavam junto ao ato da morte e a realidade do morrer. Esses ritos revelam a passagem para outro estágio que o imaginário se encarregava de visualizar, como: a continuação da vida, um sono eterno, um renascimento, um encontro com os antepassados num tempo indefinido, mas, não necessariamente eterno. A morte nas sociedades surgia

Realização:



Apoio:



como resultado de uma intervenção maléfica, podendo ser feitiço ou a ação de um ancestral que viera buscar um membro da comunidade (MORIN,1970, p. 23,24,25).

O presente trabalho é a continuação de pesquisas feitas sobre morte, perdas e luto e os impactos gerados por esses acontecimentos. Lidando diretamente com enlutados, fomos percebendo que a morte interdita, como nos falou Philippe Ariès, ainda estava bem presente no corpo social, como um assunto silencioso, gerando muita dor. A ausência de debates e discussões sobre o assunto, naturalmente dificulta termos uma condição melhor de lidar com esta fatalidade.

Notamos que a dor dos enlutados, ganha uma maior dimensão devido a um não saber sobre o fenômeno e seus sintomas. Sendo assim, busquei aprofundar esse assunto para promover maiores discussões. Como objeto de estudo, vou falar sobre um acontecimento conhecido por muitos em toda região da Bahia quando o ambiente coronelista imperava no Sertão da Ressaca no ano de 1895. Cognominado como Batalha do Tamanduá (também chamado de conflito, guerra ou barulho do Tamanduá), nos deparamos com uma chacina que impacta toda a região trazendo até hoje, rastros de cizânia, disputas e antipatias. Tomando como unidade de análise essa tragédia entre famílias poderosas da Região, pudemos perceber o impacto gerado por uma vingança que gerou mais de 22 mortes espalhando um luto que varreu toda a região causando um pesar coletivo, além de ódios e separações. Nessa região, analisamos os impactos da morte em toda uma comunidade que até hoje sente as reverberações daqueles tempos idos.

Por meio dessa literatura analisada, concluímos, de acordo com Muniz (2006, p.164), que “a morte deve ser estudada através de suas manifestações socioculturais, símbolos e espaços que as sociedades destinaram a ela”. Atentamos para o fato de que, se bem que universal, tudo o que foi dito e/ou escrito acerca da morte e das suas repercussões são resultados de estudos sobre a totalidade, mas, “a totalidade contém a parte”. No caso particular dessa pesquisa, as epidemias, mortes, guerras e/ou guerrilhas—absolutamente tudo acerca do nosso tema—repercutem particularmente no nosso objeto e no contexto onde se situa o objeto: ou seja, no final do século XIX, palco da Batalha do Tamanduá.

Para fundamentarmos essa discussão, iremos realizar uma revisão bibliográfica sobre os impactos da morte no Ocidente, nos principais períodos históricos. Pretendemos, assim: 1) Perceber e investigar como os povos reagem às perdas geradas por epidemias,

guerras e doenças, e como as coletividades vivem tais acontecimentos de perdas e lutos; 2) Classificar períodos em que o pensamento da morte vai ganhando novas interpretações e significados, promovendo novas posturas e reações nas pessoas; 3) Pesquisar a cultura da morte em Vitória da Conquista e seus costumes funerários; 4) Detectar em entrevistas como se deu o enfrentamento do luto nas famílias da Batalha do Tamanduá; 5) Discutir os fatos pertinentes ao nosso recorte, ou seja: os prejuízos físicos, morais e emocionais decorrentes do conflito em 1895. Utilizei autores clássicos da história ocidental, Além de bebemos da fonte dos historiadores e memorialistas regionais que escreveram ou discutem sobre os conflitos coletivos acontecidos na virada do século XIX para o século XX, em Vitória da Conquista e seus arredores.

No caso particular dessa pesquisa, a memória dos que ainda vivem e podem falar do passado, ou seja, uma memória coletiva de um tempo que se presentifica, é que vai nortear essa pesquisa. Pelos lugares de memória onde se ancoraram os registros de uma comunidade, de um social, é que visitaremos esse conflito que se desenhou num dos fortes marcos chamado família. Assim diz Halbwachs: "Quando nos indicam com precisão o caminho que tínhamos seguido, aquelas marcas sobressaem, nós as ligamos uma à outra, elas se aprofundam e se religam por elas mesmas. Elas já existiam, mas estavam mais marcadas na memória dos outros do que em nós mesmos. Sem dúvida nós reconstruímos, mas esta reconstrução se faz seguindo as linhas já marcadas e desenhadas por outras lembranças, nossas ou de outros" (HALBWACHS, 2006: Pag. 65).

METODOLOGIA

A Metodologia está fundamentada no método dialético considerando as categorias: Passado x presente x futuro; totalidade e parte, aparência e essência do fenômeno. A pesquisa vem tomando corpo mediante a revisão da literatura sobre a morte no Ocidente; livros teóricos e de memorialistas; coleta de dados estatísticos e informações que foram buscadas nos principais acervos da Cidade; entrevistas realizadas com pessoas de notório saber e com descendentes e/ou vizinhos dos personagens envolvidos; análise de registros em jornais, periódicos, atas da Câmara, livros; visitas à localidade do acontecimento e vizinhança. Alguns autores, historiadores e memorialistas foram consultados e alguns foram entrevistados, como Durval Lemos Menezes, Ruy Hermann Araújo Medeiros, Fernando Odilon Lopes Santos, Oswaldo Ribeiro dos Santos Silva.

Realização:



Apoio:



RESULTADO

De acordo o tema de pesquisa, os resultados foram surgindo na constatação nos discursos dos entrevistados na região do conflito. Ficou evidente que os impactos da morte naquelas regiões geraram um luto coletivo, complicando e modificando aquelas comunidades nas suas relações e nos seus comportamentos sociais. Em narrativas de moradores da Fazenda do Tamanduá, a região onde ocorreu a matança, depois da batalha, emudeceu, silenciou, e a comunidade recolheu-se em suas casas. E, por dias, o luto se fez. No estudo de campo vimos que a vingança era a grande mola propulsora para o desencadeamento de mortes ao longo do tempo. A repercussão da tragédia do Tamanduá espalhou cizânias e litígios, deixando marcas e mágoas entre famílias ao longo do tempo. Ainda, nos dias atuais, encontramos entrevistados represando ódios, desejos de vingança e protestos ainda frescos na memória, depois de 128 anos.

CONCLUSÃO

A morte, como um fenômeno biológico, uma fatalidade, em todos os momentos que surge na vida dos seres humanos, vai trazer em maior ou menor escala, um impacto. Devido à ausência de amadurecimento das pessoas frente às perdas, é inevitável não sentir os abalos que repercutem por um bom tempo em nosso cotidiano.

A falta de conhecimento sobre o fenômeno, os fortes vínculos que naturalmente criamos com os afetos, a negação da morte e do morrer em nossa sociedade, tudo isso, nos conduz ao palco da dor e do sofrimento, numa tentativa de tentar reverter o quadro penoso da finitude. Na família, no bairro, na vizinhança, nas escolas, na via pública, nos hospitais ou templos religiosos, a morte sempre será a face que não se quer ver, o acontecimento que não se quer experimentar.

Anotar os impactos que ela desencadeia nos possibilita perceber quão intensamente podemos ser influenciados por essa força. Sabedores disso, podemos começar a encontrar caminhos para neutralizar essa funesta reverberação que nos abate, desanima, nos deprime e muitas vezes nos mata. Compreender os processos que nos levam a sofrer tanto, nos ajudará a construir novas formas de nos relacionar, minimizando os densos vínculos, para que os rompimentos não sejam tão desastrosos.

Realização:



Apoio:



REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. (2003). **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

COMBINATO, D. S.; Queiroz, M. de S. **Morte: uma visão psicossocial**. *Revista Estudos de Psicologia*. V.11, N° 2, maio-agos 209-216, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. 2. ed. Mem Martins: Europa-America, c 1970. Pag 23,24,25

MUNIZ, P. H. (2006). **O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais**. *Varia Scientia*, pag. 164.

OLIVEIRA, J. B. A., & LOPES, R. G. C. **O processo de luto pela morte de cônjuge e filho**. *Psicologia em Estudo*. 2008.